



UM NOVO CICLO – DENIZ

Cinco de Agosto de 2016 – Dezesseis e quarenta

Um pequeno avião sobrevoa nossa cidade, Dourados (encravada duzentos e tantos quilômetros da capital, e perto o bastante da fronteira com o Paraguai que até dá medo das metralhadoras que circulam rua acima, rua abaixo, dia e noite sem qualquer lei no país vizinho), fazendo barulho de que vai, em poucos instantes, pousar na pequena pista construída no espaço em frente as várias universidades que ali se instalaram.

Um pequeno avião da conhecida companhia aérea está chegando e com ele vários passageiros, mas nenhum tão importante como a menina que está sentada na poltrona de número 5-B , que teve tempo de também tirar uma soneca.

Olha para um lado, olha para outro e tenta encontrar através das pequenas janelas os pontos mais importantes da cidade que será seu lar para os próximos meses. Uma senhora de certa idade puxa conversa com ela, mas como pouco entende deste nosso idioma, apenas sorri e vai confirmando com gestos de cabeça que está tudo bem.

Dezesseis e quarenta e cinco: O avião pousou e caminhou lentamente para o local de estacionamento, com todo o cuidado costumeiro dos comandantes experientes. A nossa garota, se levanta e pega sua bolsa que está no bagageiro acima das cabeças dos passageiros e aguarda sua vez de sair da poltrona.

Em poucos instantes a ordem é dada pela comissária e todos começam a caminhar pelo corredor que então leva à escada descendo da aeronave.

Nossa garota olha para um lado, observa bem e também vira a cabeça olhando as pessoas que estão atrás dela. O senhor que vem logo atrás dela, já de cabelos grisalhos dá um sorriso verdadeiro, mas nada diz.

Põe o primeiro pé no primeiro degrau da escada, ergue os olhos e observa os raios de sol que ainda tingem a cidade com sua forte luz aquecendo a todos que caminham por aquelas “paradas”. Ergue a mão sobre os olhos para se acostumar com a intensa luz que emana de Dourados e vê as pessoas por trás do vidro no saguão do aeroporto aguardando sua chegada – mais um sorriso em seus lábios.

De blusa clara e jeans percorre os poucos metros que separam a aeronave da esteira de bagagens. Passa pelo vidro e sorri para as pessoas que ali estão, aguardando tanto ela quanto aos demais passageiros. Alguns também, como ela vindo de longe, de outro lugar, de outra cultura, de outro país se apaixonam pelas pessoas que ali estão.

Mesmo sem saber o que os esperam podem sentir que o calor da cidade também emana das pessoas.



As pessoas começam a sair e encontrar aqueles que aguardavam ansiosos. Sorrisos, abraços, choros, uma alegria em cada esposa que abraça seu esposo retornando de uma semana de trabalho nas distantes cidades, alegria de cada amigo que vê seu amigo retornando, um sorriso ainda mais largo da garota abraçando seu amor que passará o final de semana em seus braços, um choro de pessoas estranhas que passaram um ciclo inteiro juntos.

Um abraço apertado da mãe, outro abraço apertado do pai, e outro da irmã.

Um abraço apertado e uma pergunta de nossa garota:

- Cadê o Igor?

Vamos tirar uma foto (para o primeiro registro em família), que certamente vai compor um futuro livro.

Vamos.

Vamos para casa.

Vamos começar a integração de duas famílias diferentes em uma única.

O caminho de casa passa por

áreas agricultáveis,

passa por órgãos do governo,

passa por empresas importantes da região,

passa por casas maravilhosas,

casas pobres

e por ruas iluminadas cheias de carros e pessoas que apressadas vem e vão.

O portão se abre, as luzes acesas da casa mostra o caminho onde todos ficarão. Onde todos passarão juntos vários meses integrando as duas culturas, a daqui e a de lá, a do Brasil e a de Porto Rico.

Walter Veroneze

05.08.2016